

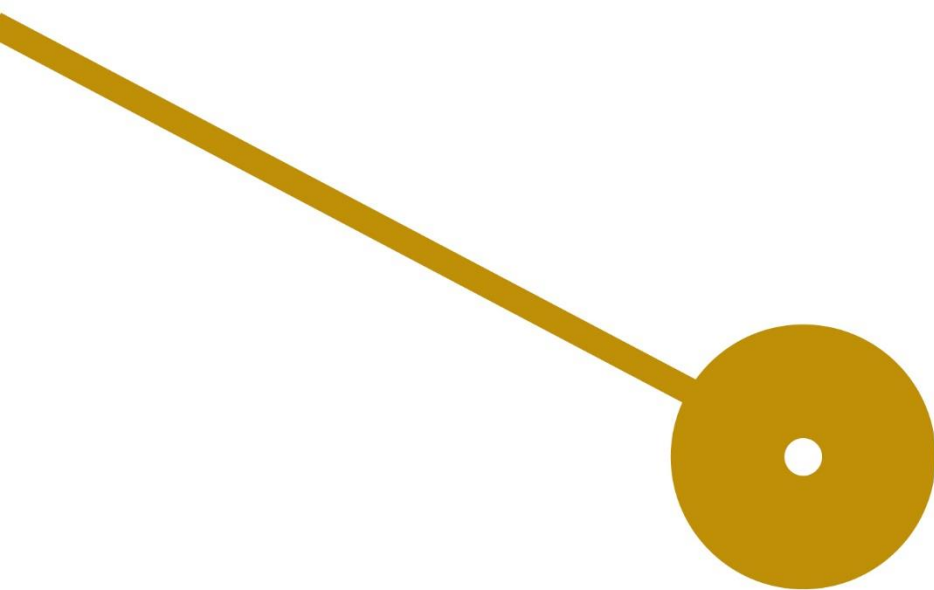


”Trilogia da Mãe Gansa”

A realização da Produção e Direcção de Cena de um espectáculo teatral por alunos do 3º ciclo do ensino básico, do Clube de Teatro da Escola Básica da Gafanha da Encarnação.

Ana Madalena Ruivinho de Melo

09/**2017**



M MESTRADO
TEATRO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO

“Trilogia da Mãe Gansa”

A realização da Produção e Direcção de Cena de um espectáculo teatral por alunos do 3º ciclo do ensino básico, do Clube de Teatro da Escola Básica da Gafanha da Encarnação.

Ana Madalena Ruivinho de Melo

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teatro, especialização em Direcção de Cena e Produção

Professora Regina Castro

Dedico este trabalho à minha filha Rita e à minha Mãe.
Sem elas, nada teria sido possível.

Agradecimentos

Agradeço a todos os alunos e colaboradores que dispuseram do seu tempo livre para reuniões de trabalho, para os ensaios extra e para a execução de cenários.

Um beijinho aos alunos do Clube de Teatro AEGE: Ana Margarida Ferreira, André Vicente, Bárbara Ribeiro, Bernardo Carvalho, Bruno Falque, Diana Angélica, João Santos, José Miguel Calão, Mariana Santos, Verónica Caçoilo e Xavier Simões.

Deixo ainda um agradecimento aos alunos que realizaram comigo a Produção e a Direcção de Cena deste espetáculo, em especial ao aluno João Santos que acompanhou o processo até ao fim, sempre com muito empenho e correcção.

Gostaria de agradecer à minha orientadora Regina Castro por todo o apoio e pelo carinho com que sempre me tratou.

Resumo

Marionetas ... reflexos de sonhos, metáforas da vida.

No palco, onde tudo é possível, desfilam três contos de Perrault adaptados e transfigurados pela imaginação dos artistas. Três épocas e ambientes distintos, três formas diferentes de marionetas, mas um desejo comum de transmitir, através da arte, uma reflexão acerca da vida e do mundo em que vivemos.

Os alunos brincam, pensam, descobrem, organizam, orientam, discutem, escolhem ... vivem.

Mostram que tudo é possível, mesmo quando não parece sê-lo, que a arte é pensamento, organização, escolhas ... vida.

E constroem uma fantasia da vida, num projecto onde a Produção e a Direcção de Cena é feita por eles mesmos.

Palavras-chave

Teatro. Educação. Produção. Direcção de Cena.

Abstract

Puppets... dream reminders, life metaphors.

On the stage, where everything is possible, three Perrault's short stories parade, adapted and transfigured by the artists imagination.

Three different times and environments, three different types of puppets, but an equal desire to tell, trough art, a reflection about life in the world we live in.

The pupils play, think, discover, organize, guide, discuss, choose...live.

They show us that everything is possible, even when it doesn't seem to be, and that art is thought, organization, choices ... life.

And they build a life's fantasy, in a project in which Production and Stage Directing is done by them.

Keywords

Theatre. Education. Production. Directing.

ESMAE

**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO**

POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Índice

Introdução.....	1
1. Pré-produção	5
Como nasceu a "Trilogia da Mãe Gansa"?	5
2. Produção e Direcção de Cena	9
2.1. À descoberta!	10
2.2. "Trilogia da Mãe Gansa"	11
2.3. "Trilogia da Mãe Gansa" – versão 2	12
2.4. Estreia!! "Ecojornadas AEGE"	14
2.5. "Concurso Ílhavo a Ler+"	15
2.6. "IV Mostra de Robertos e Marionetas da CMI"	16
2.7. Os ensaios continuam!.....	17
2.8. Uma lufada de ar fresco!.....	19
2.9. Final de ano lectivo.....	19
2.10. Festival SET	20
3. Pós-produção.....	20
4. Ano novo, vida nova!!.....	21
Conclusão.....	22
Lista de Referências:	I
Anexos	V

Introdução

Este trabalho de projecto foi desenvolvido no ano lectivo de 2016/17 na Escola Básica da Gafanha da Encarnação, com alunos do 3º ciclo e teve como objectivo desenvolver a participação activa destes alunos na concepção e execução da Produção e da Direcção de Cena de um espectáculo teatral, utilizando a Metodologia de Trabalho de Projecto.

A participação dos alunos foi voluntária, pois fazem parte do Clube de Teatro da escola, o qual funciona às quartas-feiras, das 14.30h às 16.30h, numa das tardes sem componente lectiva em que não há transporte público de regresso a casa. O grupo teve uma média anual de 10 alunos, dos quais apenas quatro com alguma prática de expressão dramática anterior.

A escola insere-se numa comunidade agrícola e fabril, onde já houve grupos de teatro amador que entretanto se perderam e na qual se inscrevem hoje poucos hábitos de participação e fruição de cultura. Embora nos últimos anos tenham sido feitos esforços por parte da autarquia de Ílhavo para reavivar a cultura tradicional e promover manifestações culturais interessantes e diversificadas, que se realizam em edifícios novos ou recentemente restaurados, as pessoas ainda não aderem a estas actividades em número significativo, como se poderá verificar pela ocupação destas salas em dias de espetáculo.

Por outro lado, as aspirações que estes alunos têm relativamente ao seu futuro são muito baixas, dado o baixo poder económico e cultural das famílias. O contacto com o espetáculo é muito pontual, ou mesmo inexistente, não fora a intervenção das escolas neste sentido. Em consequência, a participação dos alunos na aprendizagem das artes performativas, mesmo gratuitamente, não funciona senão como preenchimento dos tempos livres de uma minoria. Daí a importância da existência dos clubes escolares na promoção das artes e das profissões a elas ligadas, como são as de produtor e de director de cena. Por isso também a pertinência deste projecto que teve a intenção de despertar os alunos para estas profissões, tão indispensáveis na consecução de um espetáculo teatral.

Num mundo que se desumaniza e em que os valores da família, do amor, da fidelidade, da honestidade, que aprendemos a considerar positivos, se desagregam na rapidez voraz e egoísta das vidas dedicadas ao pragmatismo da sobrevivência e do consumismo, pareceu-me pertinente voltar à magia da procura do sentido da vida através da arte maravilhosa dos contos de fadas e das marionetas. Propor aos alunos um regresso ao passado recente da sua infância, numa reflexão sobre os valores essenciais da convivência humana e da felicidade, pareceu-me interessante e formativo.

Será aplicada a Metodologia de Trabalho de Projecto, por se tratar de um método de investigação-acção e por pressupor métodos de análise qualitativos. Este método de trabalho permite também uma aprendizagem interdisciplinar global o que é coerente com a teoria pedagógica da educação pela arte, no sentido da educação integral do indivíduo. Esta será a metodologia que melhor se adequará ao trabalho de criação, produção e direcção de cena de um espectáculo de teatro com alunos do 3º ciclo. A análise do processo criativo não é possível com métodos quantitativos, já que o que se pretende não é medir, mas sim verificar qualidades e defeitos que poderão ser resolvidos noutra etapa do processo, ou noutra situação. A análise qualitativa da materialização do trabalho desenvolvido – textos, desenhos, fotografias, filmagens – assentará sempre num ponto de vista qualitativo, que avalia o trabalho desenvolvido em relação com o resultado final, no que concerne à Produção e à Direcção de Cena. Trata-se, também, de verificar da adequação e eficácia das actividades desenvolvidas no processo na concretização do espectáculo, o que poderá ser avaliado pela fluência e qualidade do mesmo.

As possíveis conclusões a retirar deste trabalho terão como fim, não a obtenção de leis, mas apenas o de fazer com que os alunos compreendam o processo criativo como integrador de um leque muito variado de princípios e competências, todos indispensáveis e complementares, que conduzirão a um resultado artístico-teatral.

Pretende-se que o trabalho de Produção Criativa conceba a sua acção tomando em consideração a essência do processo criativo no que diz respeito à importância atribuída à escolha dos textos a encenar, ao uso interdisciplinar de outras artes como a pintura, ou a música erudita/popular/rock, as quais serão essenciais na significação global do espectáculo. Ao centrar o projecto nas especialidades de Produção Teatral e Direção de Cena, a intenção é dar a perceber a importância dos Produtores Teatrais e dos Directores de Cena na concretização, operacionalização e organização do processo de criação teatral e consequente apresentação do espectáculo. Será importante também mostrar que a Produção, nas suas escolhas, poderá contribuir para a concepção de um trabalho em que o processo criativo permita de facto uma inovação na prática artística. Ao deixar em aberto os caminhos a seguir, dá à equipa liberdade para criar, possibilitando a concretização de um trabalho surpreendente e original. Cada espectáculo não deverá ser encarado como algo fechado, mas sim como mais uma das etapas do processo, em evolução até ao final da sua operacionalização.

Na "Trilogia da Mãe Gansa", cada parte será interpretada com um tipo diferente de marioneta e de encenação. Gostaria, pois, de poder aferir da pertinência de formas de operacionalização diferenciadas da Direção de Cena com diferentes formas de teatro de marionetas (fios, luva e vara). Trata-se de uma peça composta pela adaptação de três contos de Perrault. Dois deles foram interpretados nos anos lectivos anteriores – "O Capuchinho Vermelho" e "O Gato das Botas"- em teatro de marionetas. Desta vez, fez-se a encenação articulando os dois contos iniciais com o terceiro – "O Pequeno Polegar".

É importante que sejam os alunos a desempenhar os papéis de Produtor Teatral e de Director de Cena, pois só assim tomarão verdadeira consciência das características destes trabalhos, os quais permitirão desenvolver competências de organização, de responsabilidade, de cooperação, de partilha e de consciência cívica que são inerentes à prática do teatro e

essenciais ao desenvolvimento dos jovens como seres humanos e como cidadãos.

A proposta de trabalho na área da Produção e da Direcção de Cena com alunos do 3º ciclo teve o objectivo de conseguir um trabalho artístico de qualidade, que coloque o teatro de escola no patamar de excelência que se espera de uma obra de arte.

1. Pré-produção

Como nasceu a "Trilogia da Mãe Gansa"?

O processo de génese e montagem das duas primeiras pecinhas de marionetas constituirá ainda a fase de pré-produção da obra que será a "Trilogia da Mãe Gansa", daí a explanação do seu processo de criação neste capítulo.

A escolha dos contos infantis como base para apresentação teatral aconteceu quando, numa tarde de verão, escutava "Ma Mère L'Oye", de Ravel. Tal é o encanto da música, que me levou a pesquisar acerca dos textos que lhe serviram de inspiração. Achei-os muito bonitos e adequados à faixa etária dos alunos na disciplina de Oficina de Teatro. Pensei em montar uma peça com base nestes contos, que tivesse como fio condutor a música de Ravel.

Muitas destas histórias fazem parte da nossa tradição, como acontece com os contos do "Capuchinho Vermelho", do "Gato das Botas", ou do "Pequeno Polegar", que constam do presente projecto teatral. O conto de fadas e o conto de advertência fazem parte do imaginário de crianças e adultos, tendo contribuído, ao longo dos tempos, para a formação da personalidade e da consciência moral das crianças. Em todas as culturas as crianças aprendem através de histórias mais ou menos realistas, mais ou menos simbólicas e metaforizadas das dúvidas, medos e angústias humanos, que temos de ir enfrentado e superando ao longo da nossa evolução como seres humanos. Por isso todos estes contos nos dizem tanto, pela sua profundidade e humanidade.

Podemos pensar que crianças de 7º ano já não se interessariam por estes contos. No entanto, foi feita uma análise dos mesmos de acordo com a sua simbologia e significado, pelo que a temática pareceu muito actual e adaptada às preocupações destes alunos, já que permite um trabalho de conhecimento de si, dos outros e do mundo muito pertinente. Foi elaborado um guião de análise destes três contos, com sugestões de encenação, o qual foi distribuído a todos os alunos e a partir do qual todos reflectimos e trabalhamos.

Propôs-se que apresentássemos as peças em teatro de marionetas, que permitiria fazer um trabalho interdisciplinar muito interessante, que poderia funcionar bem, mesmo com alunos mais inseguros em público. O trabalho com marionetas foi, desde logo, bem recebido pelas turmas. Os alunos trouxeram algumas marionetas de luva executadas na pré-escola e a partir daí tiveram contacto com diferentes tipos de marionetas, umas que me pertenciam, outras através de vídeos, assim como os respectivos processos de construção. Optámos por fazer marionetas de manipulação directa, de cerca de 60 cm e organizámo-nos em grupos de trabalho para começarmos a fazer cabeças, mãos e pés em pasta de papel artesanal, numa das tardes do Clube de Teatro, com a colaboração de duas colegas de

Educação Visual. Os corpos seriam executados em pano, com enchimento. Dos cerca de vinte bonecos que fizemos, apenas cinco se salvaram após a secagem, pelo que optámos por começar pela história de "O Capuchinho Vermelho". Os alunos fizeram desenhos das personagens tal como as imaginavam e, para a cenografia, trouxeram brinquedos de bonecas que se adequavam a cada uma das cenas da história.

A história de Perrault foi traduzida a partir do original e dramatizada o mais possível de acordo com o texto do autor, já que interessava que os alunos tivessem contacto com a estética da época de criação do conto. O figurino destas marionetas, executado pelo estilista convidado Joel Reigota, com base nos desenhos efectuados pelos alunos, tentou aproximar-se o mais possível ao estilo da época e classes sociais em questão.

"O Capuchinho Vermelho" foi apresentado pela primeira vez na Feira das Profissões AEGE, em Abril de 2014, em três sessões, com três elencos, para um público constituído por alunos do 1º, 2º e 3º ciclos. À entrada da sala foi montada uma pequena exposição dos desenhos dos figurinos dos alunos e do estilista, acompanhada da apresentação de um trabalho em powerpoint com pintura impressionista, acompanhado de "Ma mère l'Oye", de Ravel. Repetimos a apresentação desta peça na Oliveirinha, em Maio, a convite de uma escola de música local, e também nas actividades de final de ano lectivo.

No ano lectivo de 2014/2015 pusemos mãos à obra para a execução de fantoches para o conto "O Gato das Botas". Neste ano lectivo, por motivos de distribuição de serviço devidas aos cortes nas disciplinas artísticas, já não houve nenhuma turma de Oficina de Teatro, havendo apenas duas horas semanais para o Clube de Teatro. Contámos com a colaboração do colega César Leite, que se encontrava a leccionar as Expressões Artísticas numa escola do Ensino Básico, o qual ajudou os seus alunos na construção dos fantoches em pasta de papel, com balão para as cabeças e tecidos pintados a marcador pelos alunos, para o corpo dos bonecos. O guião foi apresentado à turma do 3º ano, da Escola do 1º ciclo Norte da Gafanha da Encarnação, o qual foi ensaiado pela sua professora, Albertina Sardo, e pelo colega César Leite, tendo eu orientado também algumas sessões. A peça foi apresentada num teatrinho de fantoches feito para a ocasião, na sede do Agrupamento de Escolas da Gafanha da Encarnação, no "Chá com Histórias" dirigido a alunos e pais, organizado pela Biblioteca Escolar em colaboração com o Clube de Teatro, em Maio de 2015.

No ano lectivo de 2015/2016 o Clube de Teatro teve um grupo de alunos muito pouco assíduo e pouco disciplinado, pelo que acabámos por utilizar alguns dos bonecos de "O Capuchinho Vermelho" para fazer "O Natal do Capuchinho", no final do 1º período e "A velha e a cabaça", em articulação com a Biblioteca Municipal de Ílhavo, a partir do texto homónimo de Alice Vieira, a pedido da BMI, em Maio de 2016.

No ano lectivo de 2016/2017, dada a inscrição de um grupo maior de alunos, mais assíduos e interessados, criativos e com ideias próprias, senti que poderíamos desenvolver um projecto no qual aproveitássemos o trabalho já efectuado em anos anteriores para a montagem de um espectáculo mais complexo e ambicioso, no qual pudéssemos mostrar, em evolução histórica, três tipos de marionetas: séc. XVIII, de fios; séc. XIX, de luva; séc. XX, de varas e manipulação directa. Seria uma forma de ampliar os conhecimentos do nosso público escolar, de nos permitir uma evolução do ponto de vista artístico e de tentar cativar um grupo mais alargado de alunos para o teatro.

O grupo achou pertinente que não houvesse só teatro de marionetas, mas que pudesse também haver trabalho de interpretação de actor, pelo que foi elaborado um texto, em colaboração com os alunos, a partir de exercícios de improvisação e jogos, aos quais eu iria buscar elementos para a construção dos diálogos. Começámos a trabalhar a partir das didascálias, com jogos de expressão dramática e exercícios de preparação de actor.

Seria pertinente que alguns alunos fizessem a Produção e a Direcção de Cena comigo, de forma a mostrar a todo o grupo a importância destas actividades artísticas. O facto de termos de entrelaçar diferentes formas de teatro e diferentes tipos de marionetas e de terem de ser feitas muitas transformações cénicas permitiria um treino de actor e de direcção de cena muito interessante. Desde logo, tive quatro alunos interessados em fazê-lo: na Produção - o João Santos e o José Miguel Calão; na Direcção de Cena - o Tomás Silva e a Diana Fernandes. Furneci uma pen para arquivo do material que enviei aos alunos via mail, concernente à organização: tabela de contactos, tabela de ensaios, calendarização dos trabalhos e das apresentações. O controlo de presenças foi feito por mim, uma vez que seria quem escrevia os sumários de cada sessão. Porém, era o João Santos quem contactava por telemóvel os colegas que se esqueciam, ou se atrasavam para os ensaios.

Os ensaios decorreram sempre no palco da escola, no horário estipulado para o Clube de Teatro, às quartas-feiras, das 14.30h às 16.30h e muitas vezes também às sextas-feiras no mesmo horário. A execução de cenários e adereços fez-se nas salas de E.V. e E.T. da escola, simultaneamente com os ensaios, mas também noutros dias da semana, algumas vezes com a ajuda de alguns alunos. Raras foram as sessões a que não faltou nenhum aluno. Houve sempre um grupo de alunos mais assíduos que permitia que o trabalho fosse avançando, embora não nas condições desejadas. Porém, o facto de, muitas vezes os alunos terem de substituir os colegas nos seus papéis, fez com que tivessem um maior domínio do texto, o que facilitou a direcção de cena progressivamente mais autónoma e a substituição de papéis, quando isso se tornou necessário.

O trabalho de Produção começou apenas no final do 1º período, pois muitos alunos eram novos no Clube de Teatro e havia necessidade de fazer exercícios vários de expressão dramática nos primeiros meses do ano lectivo. Os alunos assistiram também a excertos de

filmes com marionetas, filmes históricos e outros, interessantes do ponto de vista da interpretação.

Uma vez que a encenação exigia uma série de elementos cénicos de difícil execução e que interessava que o projecto fosse moderno e inovador, foram contactados jovens profissionais de Cenografia, Figurinos, Luz e Som, no sentido de colaborarem no projecto que intitulei então de "Trilogia da Mãe Gansa". Seria interessante para os alunos conhecerem outras profissões ligadas ao teatro que não somente a de actor.

Este trabalho foi um desafio para toda a equipa pela quantidade de materiais a executar, assim como pela preparação de actores/manipuladores nas duas horas semanais destinadas ao Clube de Teatro. Foram contactados seis profissionais: Cenografia – Inês Mota; Figurinos – Joel Reigota e Manuel Faria; Luz – João Fontinha e Hugo Martins; Som – Ana Maria Matias. Contámos também com a colaboração das costureiras Rosa Vida e Belita Cravo. Tivemos a colaboração de antigos alunos do Clube de Teatro que ajudaram na execução de cenários – Bruno Mendes, Ana Ramos, Cidália Parra. A minha ex-aluna Rita Grangeia, recém-licenciada pela ESMAE, fez a maquilhagem para os últimos dois espectáculos.

Foram realizadas duas reuniões de trabalho na ESMAE, a primeira com o figurinista e a cenógrafa e a segunda também com o designer de luz. Foi fornecida uma cópia da Proposta de Trabalho Final, assim como as didascálias, falámos das características e objectivos do projecto, acertámos detalhes de calendarização dos trabalhos, de remuneração de serviços e esclarecemos alguns aspectos de encenação e de funcionamento do trabalho na escola, com os alunos. Ainda no último dia de novembro houve uma sessão de trabalho com o figurinista e a cenógrafa, na escola, com o Clube de Teatro, na qual apresentaram as suas profissões e solicitaram ideias por parte dos alunos, os quais fizeram alguns desenhos e explicaram o que pretendiam que fossem os cenários e os figurinos, de acordo com as didascálias da "Trilogia da Mãe Gansa" que lhes tinha sido fornecida.

Procurou-se que a equipa técnica percebesse que a Produção lhes dava liberdade para desenvolverem a sua criatividade. As didascálias seriam apenas um guião e não uma imposição. Aceitar-se-iam sempre sugestões, novas ideias, adaptações que poderiam ser negociadas e discutidas.

É importante que os alunos tenham contacto com outras realidades, que não só a da escola, e que percebam como é de facto uma sala de espectáculos profissional. É desejável que o público se alargue a pais e familiares destes alunos, permitindo a fruição de cultura a um leque mais alargado da população. Neste sentido, em dezembro, conseguimos estabelecer contacto, via mail, com o Director da Casa da Cultura de Ílhavo, pois pretendíamos conseguir uma das suas salas para a apresentação da "Trilogia da Mãe Gansa". Agendámos uma reunião no início de janeiro, na qual ficou combinada a

participação do Clube de Teatro na IV Mostra de Robertos e Marionetas, no mês de março, na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré. Seria importante apresentar o trabalho com as melhores condições técnicas possíveis, de modo a mostrar aos alunos como se monta um espetáculo numa sala de espectáculos "a sério" e mostrar ao público um espetáculo teatral mais aperfeiçoado.

2. Produção e Direcção de Cena

A Produção deste espetáculo contou com o entusiasmo e trabalho de dois alunos de 9º ano. No início do terceiro período, desistiu a Diana e permaneceu o João Santos, que se manteve até ao fim, daí que fosse necessário fazer uma divisão de tarefas diferente, já que o aluno se encontrava sozinho e mais ninguém se propusera para esse trabalho. De facto, é um trabalho mais exigente do que alguns alunos esperavam e implica uma autonomia e capacidade de decisão que muitos ainda não conseguem. É uma actividade que exige tempo e capacidade de organização de si mesmo em interacção com o grupo, o que não é tarefa fácil. É também necessário alguma capacidade de liderança, o que nem todos temos, embora se possa desenvolver. O João Santos, tem todas estas qualidades, tendo sido um produtor trabalhador, inteligente, persistente e organizado. É um aluno de 9º ano, sempre requisitado pelos professores para todas as actividades extracurriculares da escola, que executa sempre com brio e tem um grande talento e paixão pelo teatro.

Acompanhou e participou de todo o processo de produção da peça: intervenção crítica na escrita dos diálogos do texto; organização da arrecadação do Clube e arranjo do palco; participação no agendamento dos espectáculos e dos ensaios; participação nas reuniões da equipa de trabalho e nas reuniões de produção; tomada de conhecimento acerca das verbas e dos gastos relativos a cenografia, figurinos, luz e maquilhagem.

O João fez também a Direcção de Cena, já que os seus dois colegas desistiram, por necessitarem de tempo para estudar. No palco, orientou e ajudou na mudança de cenários, enquanto interpretava um papel que atravessa as três partes da peça.

Todos os alunos ajudaram na mudança de cenários, de acordo com decisões tomadas por todos, nos ensaios. Na Parte I, as personagens colaboravam na mudança como se se tratasse de parte da peça, colaborando todos, já que era necessário desviar a mobília para colocar no centro do palco o teatrinho de marionetas, sendo o João Santos a orientar, caso alguém claudicasse. Na Parte II, no teatrinho de fantoches, os alunos mostraram maior autonomia, havendo apenas pequenas indicações do João Santos, que era o narrador e mudava o cenário. Na Parte III, das marionetas de varas, a direcção de cena foi inexistente durante os espectáculos: cada um tinha de ser responsável por tudo o que compunha o seu

papel, que podia incluir interpretar, manipular marionetas, mudar peças de cenário, transportar objectos ou ligar iluminação cénica.

Estas diferenças na operacionalização da direcção de cena não tiveram a ver com as características das marionetas, mas sim com a intenção pedagógica e a estrutura dramática. Interessava que se mostrasse diferentes formas de fazer a direcção de cena, numa evolução para a autonomia, quer em termos de estilo de época, quer tendo em conta a evolução anual da proficiência dos alunos nesta tarefa.

Os trabalhos de Produção e de Direcção de Cena implicam um bom conhecimento de si e dos outros, já que são trabalhos que implicam trabalho de grupo. Os exercícios de expressão dramática permitiram essa descoberta que os alunos puderam aplicar ao trabalho prático na execução da peça. O grupo de alunos foi uma verdadeira equipa de trabalho, na qual cada um fez escolhas para si, tendo colaborado no trabalho de todos.

2.1. À descoberta!

O ano lectivo na nossa escola iniciou-se a 15 de setembro. Na primeira semana coloquei cartazes e fiz folhetos de divulgação do Clube de Teatro e da abertura de inscrições para 2016/2017. Apareceram inicialmente 12 alunos. Dois elementos desistiram. Mantiveram-se 10 alunos inscritos.

Na primeira reunião de trabalho com os alunos, estes foram informados de algumas possibilidades de apresentações a realizar durante o ano lectivo: Parte I, no final do 1º período; Parte II, no final do segundo período; Parte III, no final do terceiro período. Os alunos foram informados de que me encontrava a fazer um trabalho de Mestrado em Teatro e que seria possível que tivéssemos que apresentar a peça no Porto, na ESMAE, aproveitando a ida para fazermos uma pequena visita de estudo e visitarmos alguns locais de interesse nesta cidade. Souberam também que poderia ter de haver mais sessões de trabalho que as de quarta-feira, podendo os ensaios estender-se para a tarde de sexta-feira, sobretudo antes das apresentações. Foi-lhes pedido que pensassem bem, se queriam mesmo integrar este projecto e levá-lo até ao fim, de forma assídua, pois a falta de um elemento poderia prejudicar o trabalho de todos. Todos disseram pretender levar o trabalho até ao fim e mostraram muito entusiasmo. Perguntei aos alunos a quem, no ano anterior, tinha pedido colaboração para a Produção e a Direcção de Cena, se ainda estavam disponíveis e todos acederam a fazer este trabalho de bom grado.

Propus fazer teatro de marionetas, articulando três contos de Perrault, mas disse que no início do ano iríamos fazer exercícios de preparação de actor e manipulação de marionetas.

Os alunos mostraram, desde logo, vontade de fazer teatro de actor e não apenas de marionetas. Todos concordámos que assim seria e começámos os trabalhos.

Fizemos actividades que apelavam para a sensorialidade, recolhendo texturas, cheiros, formas e materiais diferentes, no recreio da escola, aplicando-os depois a um trabalho livre, de reflexão escrita e plástica. Fizemos também exercícios de expressão dramática, de descoberta de si e dos outros, de manipulação de objectos diversos e de diferentes tipos de marionetas, acompanhando uma música, ou contando uma história, utilizámos um mesmo objecto com múltiplas funções... pusemos os objectos em interacção, ou em articulação com o nosso próprio corpo, de forma a fazer uma preparação para o trabalho com marionetas.

2.2. "Trilogia da Mãe Gansa"

Foi entregue um primeiro texto da "Trilogia da Mãe Gansa", em novembro, apenas com as didascálias e as falas dos bonecos. A Parte I desta peça consta de um teatrinho de marionetas de fios, com a história de "O Capuchinho Vermelho" inserida num ambiente de sala de palácio barroco. Na Parte II, temos um teatrinho de fantoches com a história de "O Gato das Botas", inserida num ambiente festivo de feira. Na Parte III, temos a história de "O Pequeno Polegar" e o ambiente de uma grande cidade ocidental contemporânea.

Começámos por ensaiar apenas as duas primeiras partes, das quais já tinham sido apresentadas em anos anteriores as pecinhas com marionetas, embora com um elenco muito diferente. A partir das didascálias, fomos fazendo exercícios de expressão dramática para desenvolver nos alunos o espírito de grupo, a expressividade corporal, facial e vocal, a criatividade e o sentido crítico, algumas vezes usando filmes, documentários e música relativos às épocas em questão. Os alunos foram observando a utilização da luz e do som e foram tomando consciência de que tudo era intencional e que havia profissionais especializados na execução dessas tarefas.

Marcámos a primeira reunião da equipa de trabalho com os alunos do Clube de Teatro para o dia 30 de novembro, na escola. Iniciámos também a execução dos cenários e figurinos. A Inês Mota fez uma maquete do palco da escola que apresentou aos alunos a fim de imaginarem o que seria colocado em cena para a primeira parte da peça. Tendo visto alguns filmes e documentários relativos ao Período Barroco, os alunos mencionaram cadeiras, armários, espelhos, candeeiros de tecto (lustre), os quais constavam de alguns desenhos por eles efectuados. Numa sessão posterior, a cenógrafa trouxe alguns livros de design e cenografia, para que os alunos os consultassem e pudessem alargar os seus conhecimentos.

O figurinista Manuel Faria tirou as medidas aos alunos que interpretariam a Parte I e trouxe também algum material bibliográfico de figurinos os quais foram consultados pelos alunos, a fim de perceber quais seriam as melhores escolhas para este grupo. Os alunos também fizeram alguns desenhos de figurinos. Separámos, com os alunos e o figurinista, alguns dos tecidos existentes no Clube de Teatro, seleccionando algumas cores e tipos de tecidos que nos pareceram mais adequados. Posteriormente, foram desenhados os figurinos e comprados os tecidos que nos faltavam, tendo sido iniciada a execução dos moldes, que foram provados e a partir dos quais foram executadas as roupas dos atores. Foram trazidos para a escola os tecidos e desenhos dos figurinos para serem vistos pelo grupo de forma a poderem ser feitos alguns ajustes e a dar conhecimento do método de trabalho desta especialidade.

Ainda em dezembro, a Produção fez o levantamento das necessidades em relação às condições do palco no qual ensaiamos e apresentamos as peças na escola, assim como acerca do material existente na arrecadação do Clube de Teatro e informámo-nos acerca da verba disponível para a execução de cenários, adereços, figurinos e maquilhagem. Uma vez que a verba nas escolas é retirada no final do ano civil e só regressa lá para março, fizemos o levantamento das necessidades essenciais a nível de figurinos e cenografia com os profissionais convidados e procedemos à requisição e aquisição dos mesmos. A partir de janeiro restava apenas uma pequena verba atribuída ao Clube pelo Conselho Executivo do Agrupamento, a qual teria que suprir quaisquer necessidades até março. Agradecemos o desenrolar fluido do trabalho à boa vontade em ajudar esperando pelo pagamento, da "Drogaria Rosdi" e do "Manequim – comércio de tecidos".

Em janeiro, uma vez que não dispúnhamos da verba necessária para equipar o palco da escola com o material de iluminação pretendido pelo *designer* de luz, fizemos um pedido de empréstimo à ESMAE, à qual agradeço a colaboração. Sentindo que seria necessário mais algum material, solicitei à coordenação do Departamento de Línguas, ao qual pertenço, a verba necessária, a qual foi cedida, tendo sido comprado algum material de iluminação de cena.

2.3. "Trilogia da Mãe Gansa" – versão 2

Ainda em janeiro, foi entregue o segundo texto, já com algumas falas de atores, para a Parte I e Parte II. Os papéis foram sendo distribuídos de acordo com as preferências dos alunos. Ao longo de várias sessões, cada aluno foi desenvolvendo e construindo a sua personagem, sozinho, ou com a ajuda do grupo, em exercícios de descoberta do corpo, do movimento, da expressividade do rosto, da clareza e expressividade da voz e do sentido do texto. O texto

foi sendo modificado e enriquecido de acordo com os exercícios de improvisação que íamos fazendo.

A Direcção de cena foi sendo feita pela Diana e pelo Tomás, no que respeita a entradas e saídas de personagens, embora os restantes alunos dessem sugestões, de acordo com aquilo que lhes tinha sido ensinado, ou de acordo com a lógica da cena. No entanto, o aluno mais respeitado foi sempre o João Santos, que estava na Produção, mas que em virtude de ter o papel de Perrault que percorria todo o espetáculo, como elo unificador, estava numa posição privilegiada para esta tarefa. Quando a Direcção de Cena se tornava indispensável e significativa, foi o João Santos quem acabou por fazê-la. Na Parte III, as didascálias estavam escritas de maneira que todos os intervenientes a fariam de forma colaborativa, dentro do contexto da sua interpretação.

Em finais de janeiro, já com papéis ensaiados e figurinos provados, três dos seis alunos da Parte I desistiram do Clube de Teatro, conforme me foi comunicado pela sua directora de turma: encontrando-se no 9º ano, não tinham bons resultados escolares, pelo que não dispunham de tempo para os ensaios. Foi necessário fazer uma redistribuição de papéis. Perdemos também os alunos que fariam a Direcção de Cena, pelo que reuni com o João Santos, da Produção, para decidirmos o que fazer. Fizemos uma pré-distribuição para calcularmos a viabilidade de manter as mesmas personagens e o texto, tendo ficado decidido que, na sessão seguinte, se faria a redistribuição dos papéis de acordo com as preferências dos restantes elementos do Clube.

Conseguimos uma boa redistribuição de papéis: Parte I com os alunos do 8º C e com o Xavier Simões do 7º ano, que ensaiariam só às quartas-feiras, já que tinham outras actividades à sexta-feira e ficariam na Parte II os alunos de 7ºano e o Bruno Falque do 8º ano que ensaiariam às quartas-feiras e às sextas-feiras.

Uma vez que a execução de cenários decorria simultaneamente com os ensaios, o que não permitia a participação dos alunos do Clube de Teatro nesta tarefa, a Produção achou bem que fossem convidados elementos não pertencentes ao Clube que pudessem ajudar na realização dos mesmos. Uma vez que os alunos contactados não se disponibilizaram, falei com um ex-aluno, o Bruno Mendes, que se prontificou para este trabalho. Nas férias do Carnaval, conseguimos a colaboração dos alunos do 9º ano, Ana Maria, Sérgio e Cidália, que ajudaram a pintar o teatrinho de marionetas.

O colega Henrique Santos fez um breve registo das nossas actividades, em finais de janeiro, pelo que o fizemos no palco, com as marionetas de fios, na sala 18, na construção do teatrinho de marionetas e na sala 17 onde ficava o Manuel Faria com as suas costuras e onde fazia as provas.

Na terceira quarta-feira de janeiro, houve reunião de produção, na escola, com o designer de luz, João Fontinha. Uma vez que decorriam ensaios simultaneamente, o João

Santos orientou os ensaios, enquanto eu e o João Fontinha analisámos o texto e decidimos acerca da luz a colocar de acordo com a encenação. Uma vez que a escola não dispunha de meios para iluminar o palco da escola de forma a fazer-se um verdadeiro desenho de luz, este foi feito para a sala da Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré onde apresentaríamos a peça, integrada na IV Mostra de Robertos e Marionetas da CMI. Na escola, na apresentação das Ecojornadas, o João Fontinha propôs-se fazer a iluminação possível.

Em fevereiro, numa tarde de quarta-feira, e de acordo com solicitação minha, o Clube de Teatro foi fazer a gravação de vozes para os teatrinhos de marionetas, na Casa da Cultura de Ílhavo (o resultado final seria melhor se os alunos se concentrassem mais na manipulação dos bonecos e não na memorização dos papéis).

Em meados de fevereiro começámos a trabalhar com as marionetas e com os fantoches. Verificámos que as marionetas de fios estavam muito desequilibradas e parámos para que fossem ajustadas. Com os fantoches os ensaios decorriam muito bem, tendo os alunos decorado os textos e a movimentação cénica com alguma rapidez. Os ensaios decorriam em ambiente alegre e descontraído.

O teatrinho de marionetas ficou completamente pronto para iluminar na antevéspera do primeiro espetáculo, pelo que o dia da montagem também o incluiu. A sua iluminação foi custeada pelo Departamento de Línguas a quem se pediu alguma verba. Optámos pela iluminação com LED, já que, para além de ser mais sustentável, permite um colorido interessante.

Optámos por abandonar a ideia de colocar espelhos no pequeno palco da escola, por ser perigoso e por já não haver verba disponível para um mais seguro emolduramento e suporte.

2.4. Estreia!! "Ecojornadas AEGE"

Na quarta-feira, dia 1 de março, pela manhã, foi feita a montagem no palco da escola, estando presente toda a equipa técnica. De tarde o ensaio técnico fez-se com toda a equipa de trabalho. As marcações no palco foram feitas com alguns alunos orientados por mim, pelo João Fontinha e pela Inês Mota.

Os figurinos da Parte I foram entregues no dia da apresentação, tendo sido emprestados pela ESMAE algumas peças de vestuário e tendo outras sido trazidas pelo Manuel Faria, do seu próprio acervo, uma vez que o agendamento para as Ecojornadas, para a IV Mostra e para o Concurso Ílhavo a Ler+ antecedia numa semana as datas inicialmente previstas para a estreia da peça e considerando a desistência de dois alunos, cujas roupas tiveram de ser reformuladas para os novos.

A maquilhagem foi feita pelo Manuel Faria, tentando aproximar-se do que se usava no séc. XVIII. Algumas alunas do Clube ajudaram, penteando-se e pintando-se umas às outras (bâton e risco de olhos).

Para a Parte II, trouxe algumas peças de vestuário antigas, pertencentes às minhas bisavós, uma vez que se pretendia recrear o ambiente de uma feira do séc. XIX. Usámos também vestuário e adereços existentes no Clube, ou trazidos pelos alunos.

Em cada um dos últimos dois ensaios fizemos um "corrido", embora faltassem alguns elementos do grupo. Após o final do ensaio de sexta-feira, dia 24 de fevereiro, reuni com o João Santos, brevemente, só para nos intervalos das aulas do início da semana irmos contactando todos os alunos do Clube no sentido de não se esquecerem dos ensaios marcados, nomeadamente do Ensaio Geral na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, quinta-feira, dia 2 de março. Na Fábrica das Ideias tivemos a ajuda de um técnico de luz, de um técnico de som e de um produtor, que nos ajudariam neste ensaio técnico. Para além dos alunos do Clube de Teatro, também estiveram presentes o João Fontinha, o Manuel Faria e a Inês Mota.

O espetáculo estreia, na manhã de dia 3, nas Ecojornadas AEGE, contou com público da nossa escola, constituído por alunos do 2º e 3º ciclos, que aplaudiram muito no final. A divulgação do espetáculo foi feita através de cartazes, executados e afixados pela Produção em vários pontos da escola. A frente de casa foi feita pela Verónica Caçoilo e por mim: abrimos portas, orientámos o público para que se sentasse sem deixar lugares vazios e entregámos folhas de sala. O espetáculo teve a duração prevista e foi feito o registo áudio pela Inês Mota. O Henrique Santos fez a cobertura fotográfica de todo o "Ecojornadas", pelo que também registou alguns dos nossos melhores momentos.

Após o espetáculo, o palco e os bastidores foram arrumados por todos os intervenientes, reunimos por breves momentos e demos conta do que correu bem. Os alunos gostaram da experiência e mostraram vontade de repetir.

Na semana seguinte, reuni com o João Santos para reflectirmos sobre alguns aspectos que precisávamos ainda de trabalhar e melhorar (dicção, colocação de voz, expressividade facial e corporal, maquilhagens, ajustar corpetes, melhorar a direcção de cena, aperfeiçoar a manipulação das marionetas de fios, enriquecer a cena da feira). Foi elaborado e enviado para o jornal da escola um breve texto sobre a nossa presença no "Ecoescolas".

2.5. "Concurso Ílhavo a Ler+"

No domingo seguinte levámos a Parte II à Casa da Cultura de Ílhavo, para fazermos um separador com os fantoches, contando a história d' "O Gato das Botas". O teatrinho já tinha sido levado pela produção da Casa da Cultura para a sua sala, tinham sido dadas

informações sobre luz e som pelo telefone, pelo que o ensaio, uma hora antes do espetáculo, foi muito breve. Nos bastidores com os alunos, o André disse: "Não sabia que isto era tão emocionante, se não já tinha vindo antes para o teatro!" A apresentação foi feita sem gravação de vozes, a pedido os alunos, e correu muito bem.

2.6. "IV Mostra de Robertos e Marionetas da CMI"

O ensaio geral de dia 2 de março, na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, foi muito útil para conseguirmos perceber de que forma as coisas funcionavam num palco muito maior e com a iluminação de cena e o som adequados. Quanto ao espaço, achei que os objectos de cenografia "dançavam" no espaço. Não ficava bem colocar a feira ao nível do público, pelo que a colocámos no palco, também porque não seria possível iluminá-la a não ser com um geral. Faltava aconchego na primeira cena dos atores. As vozes, por vezes, eram pouco claras, mesmo com os microfones. A música e as faixas de gravação de voz nem sempre entravam quando se pretendia. Os alunos nem sempre respeitavam as instruções do João Fontinha. A maquilhagem não fazia o efeito desejado.

No dia 7 de março, dia da apresentação na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, fez-se a montagem a partir das 9h. Depois de almoço ainda faltava acertar alguns detalhes e fez-se um breve ensaio de luz, de entradas e saídas de atores e de mudanças de cenário. Arranjámos um velho e grande tapete em tons de verde, onde se colocaram as duas cadeiras e a mesinha para a Parte I. A montagem fez-se de manhã e houve um breve ensaio à tarde. Com a luz a delimitar os espaços, os objectos já não pareciam dançar e a cor do tapete dava maior aconchego à cena. As falas e as entradas de som foram ficando melhor com a prática. As entradas de som e de luz, foram dadas por mim uma vez que todos os alunos estavam envolvidos, como atores.

No final do espetáculo, em conversa com a cenógrafa, o *designer* de luz e o figurinista, apontámos o que não correu tão bem, para que fosse corrigido na próxima sessão: algumas mudanças de cenário foram muito longas; algumas falas continuavam a ser pouco claras; os alunos queixaram-se da maquilhagem; um dos corpetes estava muito apertado.

Na sessão de domingo, às 16h, tivemos pouco público. Apenas algumas das famílias dos nossos alunos do Clube de Teatro vieram assistir. Havia também algum público, mas muito pouco. A sala estava a 30%. Porém o espetáculo correu melhor: a música e a luz entraram melhor, a mudança de cenário foi menos longa. Tal como na sessão anterior, a filmagem foi feita pela Inês Mota, no seu telemóvel.

A semana da Produção do primeiro espetáculo coincidiu com a preparação da ida ao teatro dos alunos da escola à IV Mostra de Robertos e Marionetas, a qual também foi organizada por mim e incluiu dois espectáculos: "Trilogia da Mãe Gansa", no dia 8 de março,

pelo Clube de teatro AEGE e "Prometeu", pelo Lafontana Formas Animadas, no dia 10 de março. A Câmara Municipal de Ílhavo disponibilizou transporte gratuito para alunos e professores acompanhantes.

Na semana seguinte, na quarta-feira, fui com os alunos do Clube para a Biblioteca da Escola, para visualizarmos as gravações dos espectáculos da IV Mostra de Robertos e Marionetas da CMI. Pedi aos alunos que fossem apontando os erros e qualidades que o espectáculo apresentava. Os alunos mencionaram como pontos fracos, a falta de clareza da dicção de alguns alunos, a lentidão na mudança de cenário, a maquilhagem que não funcionou bem; um corpete que estava muito apertado. Como pontos fortes, gostaram do efeito das roupas, do cenário e dos teatrinhos de marionetas e de fantoches. Disseram ainda que gostaram muito da emoção nos bastidores, enquanto esperavam para se vestirem e da reacção dos familiares e colegas no final dos espectáculos,"... e dos chocolates que a professora dá no fim!", disse a Verónica.

2.7. Os ensaios continuam!

Na semana seguinte, muitos alunos começaram com testes, pelo que faltaram ao Clube de Teatro. Aproveitámos para reunir a Produção com outros alunos que vieram ao Clube, no sentido de arranjarmos solução para os pontos fracos apontados e reconhecidos por todos. No que diz respeito aos problemas de dicção, pensou-se em fazer mais exercícios de leitura, destrava-línguas, exercícios de projecção de voz. Quanto às movimentações de cena, também teríamos de encontrar alternativas. A respeito das mudanças de cenários, achámos que a Diana não tinha perfil para este trabalho, já que não se responsabiliza pelas suas tarefas, esquece-se, na conversa com colegas, e falta muito ao Clube de Teatro. Pensámos que seria melhor fazer as mudanças com quem está em cena.

Os alunos foram ao teatro à Casa da Cultura de Ílhavo ver "O Avarento", pela Companhia "MarAlegre", da Escola Básica Celestino Gomes, de Ílhavo. O transporte e as entradas foram oferecidos pela Câmara Municipal de Ílhavo.

Começámos a trabalhar com o *designer* de luz Hugo Martins, com quem contactei e que veio à escola ainda nas férias da Páscoa, para acertarmos as condições de trabalho e para conhecer o projecto e o espaço. Mostrou-se agradado com o trabalho e propôs um esquema de iluminação do palco da escola, com LED, que no futuro tentarei adquirir integrando o Clube de Teatro num projecto de sustentabilidade ecológica.

No entanto, uma vez que já não havia verba disponível, fizemos o levantamento do material de iluminação existente e, com algum material trazido pelo Hugo, conseguimos iluminar o palco, a boca de cena, o proscénio, o teatrinho de marionetas, os prismas triangulares da Parte III e o palco das marionetas de varas.

As cabeças e mãos das marionetas de varas concebidas e construídas pela Inês Mota, ficaram prontas em abril. Assim foi possível começar a ensaiar com os bonecos em início de maio, pois, antes, era necessário montá-los e vesti-los. Foram pensados para serem originais, expressivos e, numa estética contemporânea, para serem montados como marionetas semelhantes às bunraku. O *design* dos figurinos destes bonecos foi feito pelo estilista Joel Reigota, que também ajudou oferecendo alguns tecidos e pedacinhos de couro fino, respeitando o estilo oriental próprio das marionetas japonesas. Fui eu quem montou os corpinhos dos bonecos. Foi a costureira Rosa Vida quem confeccionou os kimonos concebidos e feitos com todo o esmero.

À imagem destes, também os figurinos dos atores da Parte III foram concebidos num *design* em estilo oriental, mas agora contemporâneo. O Manuel Faria fez o design dos quimonos que as personagens principais vestem, num ambiente claustrofóbico das grandes cidades, cheias de poluição e frenesi, onde parece que a vida passa ao lado, sugada pelo stress e pelas máquinas sem as quais já não se vive... vegeta-se. Temos um estilo que se aproxima de Yohji Yamamoto, o estilista japonês.

No início do terceiro período, os alunos foram informados de que teríamos apresentação da peça completa no final do ano lectivo, dia 13 de junho e que haveria a possibilidade de podermos ir ao Porto apresentar a Peça na ESMAE, no Festival SET, em inícios de julho. Pedi que não marcassem nada para essas datas e falei com a restante equipa para saber de indisponibilidades. Entreguei o texto final, no qual melhorei a didascália, já que nesta parte os atores falarão de forma espontânea e esporádica, por *slogans*, sendo muito importante o gesto e a movimentação de grupo acompanhando a música, numa estética pós-moderna que se faz acompanhar de imagens dos media ou da sugestão dos mesmos. Todo o grupo participa na Parte III, pois trata-se da nossa época, numa crítica que se pretende que seja sentida e interpretada por todo o grupo. Aqui funde-se um pouco a encenação com a pré-produção na intenção por detrás do texto. Mas as interligações são saudáveis quando não se anulam, mas se completam.

Os cenários e marionetas da Parte III ficaram prontos nas férias da Páscoa. Foram os alunos que escolheram a marioneta que queriam manipular. Porém fizemos exercícios de troca de marionetas, para que percebêssemos se seria mesmo essa a indicada para cada um. Voltaram todos à marioneta inicial. Na história de "O Pequeno Polegar" usámos a gravação áudio com as vozes dos atores, dada a dificuldade em conseguir manipular os bonecos. A música utilizada é constituída por música erudita ocidental contemporânea, mesclada com faixas de sons e ruídos que ilustram ou ajudam a construir ambientes e imaginários.

2.8. Uma lufada de ar fresco!

Quando voltámos a ensaiar a peça desde o seu início, parecia que os alunos tinham esmorecido. Pensámos em criar uma nova dinâmica, organizando um Workshop de Teatro, aberto a todos os alunos da escola, mas também orientado para resolver os problemas que os alunos do Clube apresentavam. O João Santos concordou e, posteriormente, falando com o grupo, percebemos que tinham ficado animados com a ideia. Contactámos um amigo actor, o António Morais, muito talentoso, experiente e com jeito para lidar com miúdos, que se prontificou logo para ajudar. A Produção organizou a vinda deste actor, fazendo cartazes para o Workshop "Corpo e Voz", colocando-os em vários pontos da escola.

O Workshop decorreu em duas quartas-feiras à tarde, dias 10 e 24 de maio. Falámos com o actor antes de cada sessão, para que os jogos e exercícios pudessem ajudar a resolver os problemas de dicção e de movimentação cénica. Apareceram quatro alunos que não pertenciam ao Clube de Teatro, sendo que um deles quis inscrever-se, o que muito nos agradou. O António Morais assistiu a um pouco de um ensaio da Parte I e fez as suas críticas, que coincidiram com as nossas. O workshop teve muito sucesso e, no seu final, houve um pequeno momento de confraternização e agradecimento ao António Morais, com chá, bolinhos e framboesas. A Produção ofereceu-lhe os "Sonetos ", de Shakespeare, traduzidos por Vasco Graça Moura.

2.9. Final de ano lectivo

O espetáculo de final de ano lectivo foi no dia 13 de junho, de tarde, em duas sessões, às 14.30h e às 15.30h. Fizemos duas apresentações, dado o elevado número de alunos que queria assistir: cento e sessenta! Como a sala dá para 70 alunos, conseguimos fazer duas sessões. O Hugo Martins veio fazer a montagem de luz, de manhã. Os alunos chegaram duas horas antes, como de costume em dia de espetáculo, para se vestirem e maquilharem. O Manuel Faria ajudou os alunos a vestirem-se e trouxe todos os quimonos. A Rita Granjeia fez as maquilhagens, a minha colega Ana Matias operou o som e o Hugo Martins operou a luz.

A peça foi apresentada na totalidade, num dia de junho muito quente, mas o público portou-se muito bem, apesar do calor insuportável, pois tivemos de fechar as janelas todas para fazer "blackout". Os actores transpiravam, já maquilhados, e a Rita Granjeia preocupava-se e ia sempre retocando os mais afectados. A apresentação superou as minhas expectativas! "Os miúdos mostraram o que valiam! " A equipa portou-se toda muito bem!

Estávamos muito contentes! Reunimos no final, mas as notícias não eram muito boas...

2.10. Festival SET

Em maio fez-se a candidatura ao Festival SET Contactámos a produção do SET para que disponibilizasse uma data entre o início do Set e o dia 10, devido às indisponibilidades do Hugo Martins que tinha trabalho em Estarreja, no Cineteatro. Foi disponibilizada a Sala Preta, no dia 9, domingo. Contactámos a produção do festival no sentido de conseguir que houvesse disponibilidade de um técnico de luzes para ajudar na montagem de luz, o que foi conseguido; pedimos também um local para guardar, na sexta-feira anterior, o material mais volumoso de cenografia, o que também foi disponibilizado; contactei a Junta de Freguesia da Gafanha da Encarnação que disponibilizou uma carrinha de caixa aberta e um motorista para transportar todo o material de cenografia para o Porto na sexta-feira e o ir recolher na segunda-feira a seguir ao espetáculo.

Quando, após o espetáculo de final de ano lectivo, disse aos alunos a data marcada para a Prova Pública, na ESMAE (dia 9 de Julho) integrada no Festival SET, quatro alunos da Parte I disseram que não podiam, pois iam sair de férias com os pais. Os restantes alunos ficaram tristes. Ainda apelei ao espírito de grupo e ao sentido de responsabilidade, mas foi em vão.

Reuni com o João Santos: resolvemos duplicar papéis e fizemo-lo o melhor que pudemos. Ficámos de contactar outros alunos da escola para fazer alguns papéis que faltavam. Três alunos de 9º ano prontificaram-se a vir ensaiar para apresentarmos a peça. Parecia que tudo se estava a compor. Tínhamos 8 alunos.

Cinco dos alunos vieram sempre aos ensaios. Os restantes três, que se tinham comprometido para tal, não apareceram e quando o João Santos telefonou para saber o que se passava, responderam: "Estamos na praia! Está muito calor!" Não vieram vez nenhuma. Desistimos então de apresentar a peça, pelo que tive que cancelar todos os compromissos, com grande pena minha e de todos os alunos assíduos. O Xavier Simões e o João Santos chegaram a chorar. Comprei uns livrinhos para os alunos, que ofereci a cada um na despedida para férias. Os alunos prometeram inscrever-se no próximo ano para voltarmos a fazer a "Trilogia...". Um dos miúdos perguntou: "Então não fazemos mais a peça?" Ao que respondi: "Faremos esta, e muitas mais!" Saímos juntos da escola e despedimo-nos desejando a todos umas "Boas Férias!!"

3. Pós-produção

No início da Produção, a verba que existia na escola e que podia ser utilizada para as despesas na "Trilogia da Mãe Gansa" era de 332,57 € que tinha sido atribuído pela Câmara

Municipal de Ílhavo ao Clube de Teatro AEGE, através do projecto PAPE. O Conselho Executivo disponibilizou 50 € e o Departamento de Línguas cedeu 68,72 €, num total de 451.29€. A verba foi utilizada sobretudo para cenografia e iluminação das Partes I e III e para os figurinos dos actores da Parte III. Os restantes materiais e figurinos foram oferecidos, ou emprestados ao Clube de Teatro AEGE.

A Cenógrafa e o Figurinista apresentaram os seus orçamentos, os quais foram aceites e ajustados à verba e material existente na escola.

Para a luz foram adquiridos alguns materiais de iluminação indispensáveis para iluminação do teatrinho de marionetas de fios e para manutenção do equipamento existente na escola.

Para o som, foi usada a mesa de mistura pertencente ao Clube de Teatro, adquirida em anos anteriores, não havendo necessidade de quaisquer dispêndios de verba.

Não houve danos, nos transportes, ou na utilização dos objectos de cenografia, em peças do figurino, ou mesmo nas marionetas, pelo que tudo foi arrumado, limpo, ou lavado e está guardado na arrecadação do Clube de Teatro para poder ser usado em posteriores produções do Clube.

4. Ano novo, vida nova!!

Este ano lectivo, numa tabela que afixei por debaixo do cartaz para inscrições do Clube de Teatro AEGE 2017/2018, tenho os nomes de quatro destes cinco alunos ... e ainda mais oito inscrições de alunos novos! O João Santos que já está no 10º ano e que, por esse motivo, está matriculado noutra escola, prometeu que viria fazer o seu papel: "Conte comigo para o que for preciso, professora!"

Tivemos a nossa primeira reunião de Produção deste ano letivo. Iremos apresentar de novo a peça, uma vez na ESMAE e outra no Centro Cultural da Gafanha da Encarnação, para angariação de fundos para o Clube de Teatro AEGE. Apontamos a primeira apresentação para a primeira quinzena de novembro, que permitirá a preparação dos novos alunos e não colidirá com a semana de testes de final de período.

É por tudo isto que nunca desisto de fazer teatro na escola, pelos meus alunos e pela paixão que lhes transmito duma arte que considero aquela que, de forma mais completa, educa verdadeiramente o ser humano!

Conclusão

Neste trabalho final, a Pré-produção não foi apenas um trabalho de aplicação teórica e concretização do projecto de um produtor teatral, mas foi também um trabalho colectivo, que teve em si mesmo a essência do método de trabalho de projecto que o norteou.

O método de trabalho de projecto foi utilizado por me parecer o que melhor se adequava a este processo colaborativo entre as diferentes especialidades que contribuem para a criação e apresentação de um espetáculo teatral. Teve como ponto de partida a proposta de encenação e foi-se desenvolvendo tendo sido a Produção o organizador, catalisador e aglutinador de esforços e ideias no processo criativo que resultou no espetáculo final. A Direcção de Cena diluiu-se na encenação, tendo sido os intérpretes a desempenhá-la, conforme o grupo julgou mais prático e adequado a cada situação.

Quanto à Direcção de Cena, qualquer das formas de operacionalização funcionou, por ter sido ensaiada, reflectida e assimilada pelos intervenientes de forma sentida e não imposta, num trabalho de descoberta individual e colectiva. A utilização da marioneta poderá ter facilitado o processo de conhecimento de si e dos outros, já que desbloqueia pensamentos que sem ela poderiam não emergir, por insegurança ou timidez, permitindo a descoberta do verdadeiro eu. Falando do seu fantoche, Isabel Alves Costa diz : " Através dele?/ Nele e com ele?/ Conheci-me um pouco mais!/ Vivi uma relação... exteriorizando-me/ ganhei confiança e segurança/ apercebi-me de tanto!!" (Costa, 1991).

As linhas condutoras dessa progressão na autonomia da direcção de cena foram geridas, de forma natural, quase espontânea, sendo o resultado das dificuldades sentidas e progressivamente resolvidas. "A verdadeira disciplina é um modelo espontâneo de comportamento." (Read, 2013). Os alunos foram-se tornando progressivamente autónomos quer na interpretação, quer no que diz respeito à necessidade das indicações de direcção de cena. Na Parte I, a presença da direcção de cena sente-se na atitude e falas de algumas personagens. Na parte II, os alunos já se vão tornando mais autónomos, dispensando a direcção de cena que se começa a integrar na interpretação. Na parte III a direcção de cena está imersa na acção, pois cada aluno já interiorizou as suas funções integrando-as na sua própria interpretação. Ao libertaram-se da sua necessidade externa, integraram-na naturalmente na sua dinâmica, no sentido de se assumirem como actores, integrados num colectivo e com tal autonomia que qualquer dirigismo se tornaria obsoleto.

O trabalho de Produção com alunos destas idades carece de muita orientação e incentivo, pois facilmente os alunos desistem do que é trabalhoso e difícil. Num mundo em que tudo lhes é fornecido pré-fabricado e onde se obtêm respostas pelo simples clicar de um botão, o esforço de pensar, organizar, controlar, resolver, procurar, ou decidir, ultrapassa em muito a rotina de actividades de muitos jovens. Contudo, quando verdadeiramente

motivados e respeitados, os alunos têm um entusiasmo que resulta num trabalho alegre e dinâmico, sempre aberto a novas propostas e desafios. Aprendem a sentir que o trabalho e o esforço colectivos podem produzir uma obra da qual se poderão orgulhar e que o prazer partilhado através do teatro nos faz mais felizes.

Numa instituição tão burocrática como é a escola, tem de ser o professor a desempenhar certas tarefas, como as que se prendem com os contactos com outras instituições, ou com departamentos da mesma instituição, com as requisições e compra de materiais e com a disponibilização de espaços para execução de trabalhos. Por este motivo não foram os alunos a desempenhá-lo, o que em nada tira valor ao seu trabalho, já que a Produção deverá ser um trabalho verdadeiramente colaborativo que compreende muitas outras actividades.

De facto, é possível fazer a Produção e a Direcção de Cena com alunos de 3º ciclo do Ensino Básico. Apesar de algumas dificuldades que se foram resolvendo, valeu a pena perceber que estas actividades sombra, do que não aparece visível ao público, são tão coerentes com a essência do teatro, em que o que se vê não é senão o resultado de um pensamento, de uma ilusão e de muito trabalho colectivo e interdisciplinar. Porém, todos sabemos que estão lá, mais ou menos evidentes, no desempenho de um colectivo que sabemos que só flui, se houver regras. E é bom assistir aos momentos de prazer dos miúdos, quando se vestem com os seus figurinos, quando afixam cartazes na escola, ou quando sentem o feedback positivo do público pelo seu trabalho.

Por todas estas razões, o teatro deveria ser mais cultivado nas escolas, na educação de crianças e jovens, num mundo em que se colocam cada vez mais desafios aos mais novos. Desafios para os quais será necessária a criatividade como ferramenta para o sucesso. "O ensino básico deve corresponder, pois, a essas necessidades de 'equipamento experiencial para a vivência artística', maneira de democratizar a cultura e de acordar uma sensibilização estética, não com o propósito de fazer alunos-artistas, mas de despertar o potencial artístico que em cada qual e em todos exista." (Santos, 1989). A educação pela arte será a melhor forma de conseguir a formação integral do indivíduo, já que não esquece o respeito pela individualidade e especificidade de cada ser humano e sublinha que a educação atenta à sensibilidade e afectos proporciona uma aprendizagem mais completa, permitindo um desenvolvimento mais harmonioso do indivíduo. "O caminho para a harmonia racional, para o equilíbrio físico para a integração social, é o mesmo caminho que o da educação estética." (Read, 2013).

Só o conhecimento de si e dos outros, a liberdade de pensamento, o sentido crítico, a criatividade e o conhecimento do mundo e do humano permitirão uma vida verdadeiramente plena e interventiva. No percurso destes anos que constituíram o mestrado, fui ampliando conhecimentos e introduzindo na minha prática pedagógica formas de agir que são fruto da

mudança que em mim se operou. Se já tinha uma perfeita consciência da importância das artes na formação do ser humano, não tinha ainda a segurança e o conhecimento para aplicar formas mais livres de criação artística como a que implementei neste projecto. Embora houvesse, nas sessões de teatro com os alunos, uma componente de liberdade e expressão de sentimento e emoções e o desenvolvimento trabalho interdisciplinar de grupo, fazia-o de forma intuitiva. Agora questiono-me mais na procura do melhor caminho para atingir determinado objectivo artístico-teatral e vou-me libertando, progressivamente, da necessidade de controlar tudo, agora delegando tarefas e solicitando opiniões em áreas que julgava serem apenas de minha atribuição. Esta atitude exige um trabalho de organização diferente e um maior desapego do eu e descobri que o prazer pelo resultado final é maior pela alegria da surpresa e sucesso do resultado colectivo final.

Este processo foi um caminho que sinto ainda no início, num processo de transformação e criação, como que na construção daquilo que eu gostaria de ser, como professora e como ser humano. Construimo-nos com a vida e para a vida. Como quem constrói e aprende a conviver com uma marioneta que é o nosso alter-ego e que se metamorfoseia em nós.

Que outra arte é tão humana quanto o teatro, que é feito dos próprios seres que o criam e que o interpretam com os seus corpos, sensações, sentimentos e inteligência? Que outra actividade humana é tão completa como o teatro, que engloba em si todas as formas de pensamento e de arte? O poeta Sebastião da Gama diz, num dos seus poemas, "Pelo sonho é que vamos", eu diria "Pelo teatro é que vamos!"

Lista de Referências:

1. Educação pela arte:

- Beja, F., Madureira, C. & Topa, J. (2010). *Drama, pois! Jogos e projectos de expressão dramática*. Porto: Porto Editora.
- Berthold, M. (2001). *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Brandes, D., Phillips, H. (1977). *Manual de Jogos Educativos. 140 Jogos para professores e animadores de grupo*. Lisboa: Moraes Editores.
- Garner, H. (1999). *Intelligence reframed*. New York: Basic Books.
- Illich, I. (1974). *Educação Sem Escola?*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Lapuryade, U.M. (1985). *Etude du jeu dramatique: pratique theatrale, comme dermarche de formation*. Aix en Provence : Faculté de Lettres et Sciences Humaines.
- Landier, J. C. & Barret, G. (1994). *Expressão dramática e o teatro. Coleções práticas pedagógicas*. Lisboa: Edições Asa.
- Melo, M. C. (2005). *A expressão dramática – à procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Oberlé, D. (1989). *Créativité et jeu dramatique. Paris : Méridiens Klincksieck*.
- Pereira, M. A. M. (1996). *Criatividade: um conceito irredutível à investigação psicológica. Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Pérez, V., Ventosa, J. (1996). *La Expresión Dramática como medio de Animación en Educación Social- Fundamentos, Técnicas e Recursos*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Pujoli, E. P. (2003). *Valores para a convivência*. Setúbal: Marina Editores.
- Read, Herbert (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.
- Robinson, K. (1999). *Out of our mind. Learning to be creative*. New York: Basic Books.
- Rooyackers, P. (2002). *101 Jogos Dramáticos – Aprendizagem e diversão com jogos de teatro e faz de conta*. Coleção práticas pedagógicas. Porto: Edições Asa.
- Ryngaert, J.-P. (1981). *O jogo dramático no meio escolar*. Coimbra: Centelha.
- Ryngaert; J.-P. (2009). *Jogar, representar*. São Paulo: Cosac Naify.
- Santos, A. (1989). *Mediações artístico-pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, M. E. B. (2003). *A importância da educação artística no desenvolvimento global da criança, Educare, Aprender, 1, 13-21*.

- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bento, A. (2003). *Teatro e Animação*. Lisboa: Edições Colibri.
- Stern, A. (1974). *Uma nova compreensão da arte infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Spolin, V. (1986). *Jogos Teatrais na Sala de Aula. O livro do professor*.
São Paulo: Perspectiva.

2. Educação artística:

- Brook, P. (1968). *O Espaço Vazio*. Lisboa: Orfeu Negro
- Brook, P. (1991). *O diabo é o aborrecimento*. Porto: ASA
- Carlson, M. (1997). *Teorias do Teatro – Estudo histórico-crítico dos gregos à actualidade*.
São Paulo: Fund. Editora da Unesp Stanislavski.
- Chekhov, M. (2003). *Para o ator*. São Paulo: Martins Fontes.
- Costa, I. A. (2003). *O desejo do teatro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Courtney, R. (2001). *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva.
- Delgado, M. M., Heritage, P. (1996). *In contact with the gods? Directors talk theatre*.
Manchester : Manchester University Press.
- Deleuze, G. (2010). *Sobre o teatro*. Rio Janeiro: Jorge Zahar.
- Lima, M. L. (2003). *O Mundo da Arte Jovem: protagonistas, lugares e lógicas de acção*.
Observatório Permanente da Juventude Portuguesa. Oeiras: Celta Editora.
- Molinari, C. (2010). *História do Teatro*. Lisboa: Edições 70.
- Pavis, P. (1996). *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Pedro, A. (1976). *Pequeno Tratado de Encenação*. Porto: Inatel Ed..
- Torrado, António (1994). *Da escola sem sentido à escola dos sentidos*.
Porto: Civilização Editora.
- Vasconcelos, T. (2003). *A formação para o ensino da educação artística. Proposta de reconceptualização. Educare, Aprender, 1, 123-143*.
- Rodari, G. (1982). *Gramática da fantasia. (5ª ed.)*. São Paulo: Summus.
- UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa:
Comissão Nacional da UNESCO.
- Rouquette, M.-L. (1973). *La créativité*. Paris: PUF.
- Runco, M. A., Printzker, S. R. (1998). *Encyclopedia of creativity*.
SanDiego : Academic Press.
- Stanislavsky, Constantin (1989). *A construção da personagem*. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira.
- Steiner, G. (2002). *Gramáticas da criação*. Lisboa: Relógio d'Água.

Vasconcelos, T. (2003). *A formação para o ensino da educação artística. Proposta de reconceptualização. Educare, Aprender, 1, 123-143.*

Vasques, E., Mota, J. (2006). *O Pedagogo Teatral: Metodologia e Criação.* Lisboa: Colibri/IPL

Zarrili, P. B. (2010). *Theatre Histories: An introduction.* London: Routledge.

3. Marionetas:

Beaton, M. & Beaton, L. (1948). *The complete book of marionetes.* New York: Dover Publications Inc..

Costa, I. A. (1991). *O fantoche que ajuda a crescer.* Porto: Asa.

Costa, I. A. (1992). *Lutar para dar um sentido à vida.* Porto: Asa.

Currel, D. (1999). *Puppets and puppet theatre.* Malborough: Crowood Press.

Currel, D. (2004). *Making and manipulating marionettes.* Malborough: Crowood Press.

Ribeiro, Rute (2011). *Henrique Delgado, contributos para a história da Marioneta em Portugal.* Lisboa: Museu da marioneta/ EGEAC.

4- Produção Teatral:

Crary, J. (2001). *Suspensions of perception: attention, spectacle, and modern culture.* *The Art Bulletin.* vol. 83, pp.157-161. Cambridge: College Art Association.

Dean, P. (2007). *Production management. Making shows happen.* Malborough: The Crowood Press Ltd..

Heidegger, M. (1987). *Carta sobre o Humanismo.* Lisboa: Guimarães Editores.

Lipovetsky, G. (1996). *El imperio de lo efímero.* Barcelona: Editorial Anagrama.

Lipovetsky, G. (2009). *La pantalla global.* Barcelona: Editorial Anagrama.

Llosa, M. V. (2012). *A Civilização do Espetáculo.* Lisboa: Quetzal.

Morin, E. (2000). *Les Sept Savoirs Nécessaires à l'Education du Futur.* Paris: Seuil.

Swain, R. (2011). *Directing: A handbook for emerging theatre directors.* London: Bloomsbury Publishing Plc, Methuen/Drama.

4. Direção de Cena:

Génio, V. (2007). *Luz & Iluminação Cénica.* Aveiro: ATSP- Edições Técnicas.

Ionazzi, D.A. (1992). *The Stage Management Handbook.* Cincinnati: Betterway Books.

Pallin, G. (2001). *Stage Management - the Essential Handbook.* London: Nick Hern Books.

Solmer, A. M. (1999). *Manual de Teatro.* Lisboa, Guide, Artes Gráficas.

Southern, R. (1979). *Manual Sobre Montagem Teatral. (1ªed.).* Lisboa: Moraes Editora.

Unwin, S. (2008). *So you want to be a theatre director?.* London: Nick Hern Books.

6 - Metodologia de Projecto:

Coutinho, Clara Pereira (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Almedina.

Castro, Lisete barbosa de, Ricardo, Maria Calvet (1993). *Gerir o Trabalho de Projecto, Um manual para professores e formadores*. Lisboa: Texto Editora.

Many, E., Guimarães, S. (2006). *A Metodologia de Trabalho de Projeto*. Porto: Areal Editores.

Lessard- Hébert, Michelle, Goyette, Gabriel, Boutin, Gerald (2005).

Investigação qualitativa- Fundamentos e Práticas. Lisboa: Instituto Piaget.

Anexos

A equipa



Os trabalhos de cenografia e figurinos



"Capuchinho Vermelho" - 2014



"Trilogia da Mãe Gansa" - 2017

Parte I – "O Capuchinho Vermelho"



Parte II – "O Gato das Botas"



Parte III – "O Pequeno Polegar"



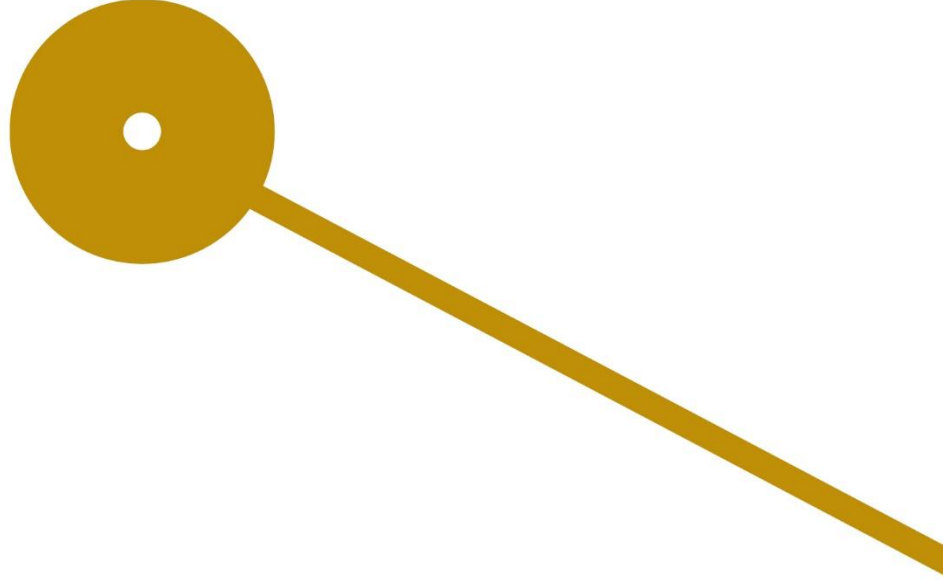


"Trilogia da Mãe Gansa"
Ana Madalena Melo



ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO



M

MESTRADO
TEATRO

Direção de Cena e Produção

“Trilogia da Mãe Gansa”
Ana Madalena Ruivinho de Melo